

CORPOS TERRESTRES E CORPOS CELESTES

Jesus de Nazaré e o Cristo

José Raimundo Oliva

Introdução

No Novo Testamento (ou Segundo Testamento, como também vem sendo denominando) podemos realçar dois enfoques dominantes e bem diferenciados. Um é o enfoque sobre Jesus, nascido de Maria, que viveu em Nazaré, na Galiléia. Outro é o Cristo glorioso e poderoso, ressuscitado, que subiu aos céus e está sentado à direita do Pai (Lc 22,69; Ef 1,20). Estes dois enfoques se entrelaçam nos textos do Novo Testamento, por razões várias, porém podem ser distinguidos e separados.

A questão se coloca a partir das interpretações da ressurreição de Jesus¹. Convém observar que podemos distinguir a questão cristológica da questão da ressurreição. A ressurreição é a afirmação da eternidade de Jesus, divino e humano e, por isto mesmo, corpóreo. A cristologia é uma interpretação da ressurreição, nas categorias do Antigo Testamento, na perspectiva davídica: a ressurreição é vista como manifestação do poder de Deus e aponta para o messias davídico, tradicionalmente associado ao poder na terra. Estes dois aspectos foram automaticamente unidos pelos discípulos de Jesus, originários do judaísmo, a partir das tradições do Antigo Testamento: se Jesus ressuscitou ele é o cristo messiânico davídico, transferido para a esfera dos poderes celestiais.

O mote de nosso texto é o versículo 40, do capítulo 15, da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios: “Há corpos celestes e há corpos terrestres. Porém um é o brilho dos celestes e outro o dos terrestres”.

Paulo assim se exprime ao refletir sobre com que corpo os mortos voltarão. Não vamos nos deter neste aspecto específico da volta dos mortos, mas refletir sobre Jesus como corpo terrestre e o Cristo, como corpo celeste. E também sobre o enfoque prioritário que se pode dar, no anúncio e na espiritualidade, ou a Jesus de Nazaré ou ao Cristo ressuscitado. De certo modo estes enfoques podem estar na origem de duas espiritualidades diferenciadas entre si e, mesmo, na própria prática tradicional da Igreja.

Pode-se perceber que o “corpo terrestre” é o corpo concreto em que vivemos, nos comunicamos por imagens, sons e gestos, nos tocamos, comemos e bebemos em comum, etc. O “corpo celeste” já se encontra fora deste mundo físico do dia a dia. E o corpo glorioso, no caso do Cristo sentado à direita do Pai, cheio de poder que virá julgar no fim dos tempos. Desta maneira vemos em 2Cor 5,6-7: “... enquanto habitamos

1. Um aprofundamento da questão da ressurreição pode ser feito em Queiruga, Andrés Torres, *Repensar a ressurreição*. São Paulo: Paulinas, 2004

neste corpo, estamos fora da mansão, longe do Senhor,... e preferimos deixar a mansão deste corpo para ir morar junto do Senhor”.

A tradição paulina

Na cronologia dos livros canônicos do Novo Testamento, nos atendo às cartas paulinas autênticas e aos evangelhos, os textos mais antigos são as cartas paulinas (década de 50 e início de 60), seguindo-se o evangelho de Marcos (meados da década de 60), os evangelhos de Mateus e Lucas (década de 80) e o evangelho de João (década de 90). Certamente, a impressiva e convincente pregação paulina influenciou as primeiras comunidades com suas tradições sobre Jesus e os evangelistas, e de modo particular as igrejas que começam a se estruturar nas últimas duas décadas do primeiro século.

Ao fazermos nossas reflexões neste texto, além das cartas autênticas, tomaremos algumas referências de algumas cartas que são atribuídas a Paulo, sem que haja consenso sobre a sua real autoria. Estas cartas, embora tenham sofrido interpolações que não expressam exatamente o pensamento paulino em alguns pontos, podem, contudo, ser uma interpretação de seu pensamento autêntico. De qualquer maneira nossa preocupação não é exatamente chegar ao genuíno pensamento de Paulo², mas sim reportar-nos às implicações da tradicional “teologia paulina”, consagrada pelas primeiras comunidades e cristalizada no cristianismo ao longo dos séculos. Neste sentido, o próprio Lucas, nos textos de Atos, também pode exprimir o pensamento paulino, embora algumas vezes dele se afaste.

Dentre as denominadas cartas paulinas, as consensualmente autênticas são: 1Ts, 1Cor, Rm e Gl. Não alcançam pleno consenso: 2Ts, 2Cor, Fl, Fm. As demais são consensualmente consideradas pseudo-epigrafadas. Nas cartas consensualmente autênticas temos 201 referências a Jesus, com as seguintes formas:

só Jesus: 7 vezes
Senhor (*kyriós*³) Jesus: 17 vezes
Cristo Jesus: 31 vezes
Jesus Cristo: 43 vezes
Só Cristo: 103 vezes

Lucas em Atos dos Apóstolos afirma que Paulo insistia em provar que Jesus é o Cristo: “Saulo, porém, mais e mais se fortalecia e confundia os judeus que moravam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo” (At 9,22). “Quando Silas e Timóteo desceram da Macedônia, Paulo se entregou totalmente à palavra, testemunhando aos judeus que o Cristo é Jesus” (At 18,5). E percebe-se a influência da pregação de Paulo em Antioquia, na nova designação dos discípulos de Jesus: “Barnabé partiu para Tarso, à procura de Saulo. De lá, encontrando-o, conduziu-o a Antioquia. Durante um ano

2. Esta questão do autêntico pensamento de Paulo pode ser aprofundada em ELLIOT, Neil. *Libertando Paulo*. São Paulo: Paulus, 1998, e em O’CONNOR, Jerome Murphy. *Paulo, biografia crítica*. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.

3. Por inculturação do título “cristo”, que respondia à expectativa particular dos judeus, na pregação aos gentios deu-se a Jesus o título de “senhor” (*kyriós* – título atribuído ao imperador ; cf. At 25,26).

inteiro conviveram na Igreja e ensinaram numerosa multidão. E foi em Antioquia que os discípulos, pela primeira vez foram chamados de “cristãos” (At 11,25-26).

Cabe, antes de mais nada, uma resumida identificação de qual é o conteúdo conceitual do adjetivo substantivado “cristo”, que passou a ser usado como título, e até nome, de Jesus. A palavra “cristo” é um estrangeirismo a partir de “christós” em grego. A tradução do termo em português é “ungido”. Equivale a “messias” que também é um estrangeirismo a partir do hebraico “meshiáh”. Reis, profetas e sacerdotes eram ungidos ao assumirem sua função. Contudo no Antigo Testamento, o adjetivo transformou-se em título abundantemente usado para indicar um rei (sacerdote, em Lv; rei, abundantemente em 1 e 2Sm e Sl, referindo-se principalmente ao rei Davi). Por exemplo, quando Davi não mata Saul na gruta (1Sm 24,6; cf. 24,11) ele diz: “Que Javé me livre de... levantar a mão contra ele, porque é o cristo (do texto grego-*christós*; ou messias, do texto hebraico-*meshiah*) de Javé”. No Salmo 18,51: “Javé dá grandes vitórias ao seu rei e age por seu cristo com amor, Davi e sua descendência para sempre”. No Livro de Isaías, na versão dos LXX, encontramos o título “cristo” só uma vez, no II Isaías, para referir-se a Ciro, o rei persa: “Assim diz Javé ao seu cristo, a Ciro que tomei pela destra...” (Is 45,1). A partir do retorno do exílio, com o fim da dinastia davídica, surgiu dentro do judaísmo o messianismo, que era a expectativa de um “messias” ou “cristo” que assumiria o poder na Judéia, no estilo do rei Davi. Este messias ou cristo recebia também o título de “filho de Davi”.

Messias ou cristo significa, intrinsecamente, um líder triunfante, assimilado a Davi, esperado pelo povo judeu, que levaria ao restabelecimento do poder da nação judaica, como um novo Israel, com o grande poder que a tradição atribuía ao antigo Israel. Esta expectativa distingue-se das esperanças populares colocadas em Elias (profeta popular do Reino do Norte, avesso à dinastia davídica), ou em João Batista, ou algum dos profetas (cf. Mt 16,14; Mc. 8,28; Lc 9,19), que, na realidade, são expectativas proféticas, impropriamente consideradas messiânicas, no sentido fundamental, davídico, deste conceito. Esta perspectiva profética popular tinha em vista a libertação do povo não só da opressão dos impérios externos, mas também da opressão interna a partir da realeza ou do Templo, seja no reino do norte, Israel, como no reino do sul, Judá, antes do exílio ou na tardia Judéia.

O anúncio paulino tem como eixo central a morte e ressurreição de Cristo.

“Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1Cor 2,2).

A segunda carta aos coríntios reflete esta perspectiva: “Assim que, nós, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne; e, se antes conhecemos Cristo segundo a carne, já agora não o conhecemos deste modo” (2Cor 5,16).

Assim também a carta aos filipenses: “Na verdade eu considero tudo como perda, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi tudo e tudo considero como lixo, para ganhar a Cristo” (Fl 3,8).

Em Romanos, Paulo escreve: “Fomos, pois, sepultados com ele na morte, pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, as-

sim também andemos nós em novidade de vida. Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição” (Rm 6,4-5).

Em nenhuma de suas cartas Paulo faz referência a Jesus de Nazaré, em sua vida corpórea, inserido na história entre sua gente e seu povo. Após sua conversão, tudo indica que Paulo, durante alguns anos de provável solidão, fez uma releitura dos livros do Antigo Testamento (Primeiro Testamento) passando a uma compreensão de Jesus a partir exclusivamente destes textos.

Lucas, em Atos 26,22-23, apresenta um discurso atribuído a Paulo, em que diz: “Com o socorro de Deus, permaneço firme até o dia de hoje, dando testemunho, tanto a pequenos como a grandes, nada dizendo, senão aquilo que os profetas e Moisés disseram que iria acontecer, isto é, que o Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição”. E o próprio Paulo, em Rm 16,25-26: “Àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a mensagem de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério guardado em silêncio nos tempos eternos, e que, agora, se tornou manifesto e foi dado a conhecer por meio das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus eterno, para a obediência por fé, entre todas as nações...”. A pregação do ressuscitado aos dois discípulos de Emaús (Lc 24,27) e o anúncio de Filipe ao eunuco etíope (At 8,30-35), que vão na linha da compreensão da cruz de Jesus a partir dos escritos do Antigo Testamento, revelam o mesmo processo do caminho seguido por Paulo. Os cerca de trinta e cinco anos de vida de Jesus, com todo seu ministério, não são considerados neste enfoque do Cristo ressuscitado.

Porque o acento na ressurreição?

Porque o estrito acento de Paulo na morte e ressurreição, relegando à insignificância a humanidade de Jesus, em sua plena corporeidade? A humanidade de Jesus, segundo as expectativas messiânicas dos discípulos oriundos do judaísmo, foi um fracasso, com a morte na cruz. Sua encarnação foi um aniquilamento (*kenosis*), passageiro, bem decantado no tradicional hino de Fl 2,5-11, a fim de demonstrar o poder de Deus na ressurreição. André Torres Queiruga, referindo-se a um texto de Gerd Theissen, diz: “Conforme destaca o autor, a concentração de Paulo na morte-ressurreição obedece a seu estrito monoteísmo judaico, que não se interessa pelo Cristo ‘segundo a carne’ (2Cor 5,16), pois teme envolver o Jesus terreno no brilho divino”⁴.

A idéia de um Deus humano é difícil de ser suportada no judaísmo. A realidade humana de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, foi rejeitada pelos líderes religiosos do judaísmo, particularmente por Paulo.

A visão teocrática do judaísmo, integrando a teologia do “Dia de Javé”, gera a literatura apocalíptica do reino celestial futuro, glorioso para os judeus, que se consideram o “Israel” (Is 24-27; 66,18-24; Daniel, Zc 9-14, Henoc). O Deus poderoso que ani-

4. QUEIRUGA, Andrés Torres > Op. cit., p. 115.

quila os poderosos da terra, inimigos de seu povo eleito, é o Deus do Antigo Testamento, em Israel, em Judá e na Judéia. Ele aniquila os poderosos para constituir Israel hegemonicamente no poder. Conforme o anúncio escatológico, todos virão adorar em Jerusalém. Este esquema foi transferido para Jesus. Não usufruiu o poder na terra, mas o Pai o constituiu em todo o poder no céu, na Jerusalém celeste, triunfante sobre os inimigos de Deus.

Em uma perspectiva mais universal, a própria tradição religiosa milenar das diversas civilizações sempre apresentou Deus como todo-poderoso, representado na terra por um chefe dominador e opressor. Fica, assim, difícil aceitar um Deus todo-amoroso, assumindo, na sua vida divina e eterna, a humanidade toda, em sua simplicidade, em sua corporeidade, no puro humano, elevado em toda sua dignidade, nisto estando a sua glória.

Esquema sacrificial da morte de Jesus (Cristo), que justifica o desprezo do corpóreo terreno em vista do celeste

O simplesmente humano, com sua corporeidade, tem que ser rejeitado, destruído pelo sofrimento e pela morte, para transformar-se em um outro humano, agora celestial, glorioso, divino, participando do poder de Deus.

A tradição cristã católica, na missa de finados apresenta, associados entre si pelo caráter sacrificial, os textos: "...provou-os como se prova o ouro no fogo e aceitou-os como vítimas de holocausto" (Sb 3,1-9), e: "Ele (Deus), que nem sequer poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós" (Rm 8,32). Uma das acepções do verbo entregar, particularmente no grego (*paradidômi*), é entregar ao inimigo, entregar à morte.

Em Romanos, Paulo, na defesa da justificação pela fé, escreve: "Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus estabeleceu como propiciação, no seu sangue, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixando impunes os pecados anteriormente cometidos..." (Rm 3,24-25).

A Carta aos Efésios é enfática em retratar esta perspectiva: "Andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave" (Ef 5,2).

O sofrimento e a morte de Jesus são uma oferta de holocausto necessária para libertar-nos do pecado e dar-nos a vida eterna. A carta aos Hebreus, pela síntese que faz deste enfoque, tornou-se um modelo para o sacerdócio cristão. Jesus, como sumo-sacerdote eminente (Hb 4,14), ofereceu-se a si mesmo em sacrifício, uma vez por todas (Hb 7,27), como mediador da nova aliança (Hb 9,15).

Em Paulo reconhecemos esta perspectiva sacrificial: "Sofrer com ele para sermos glorificados com ele" (Rm 8,14-23). O preço da glória é o sofrimento. É necessário sofrer para atingir a glória. Este é o esquema deuteronomico pós-exílico: aliança, pecado, castigo (sofrimento), arrependimento, reconciliação, ao qual está associada a prática sacrificial sacerdotal do Templo.

Referindo-nos de novo ao hino da Carta aos Filipenses, encontramos aí, bem delineado, o caráter sacrificial, morte e reconciliação, com recompensa: “E vindo em aparência (*omoiôma*, termo usado por Platão) de homens e encontrado em semelhança (*schêmati*) de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o sobre-exaltou grandemente e o agraciou com o Nome (entenda-se: *kyrios*, na perspectiva grega; *christós*, na perspectiva judaica) que é sobre todo o nome...”. A humanidade de Jesus torna-se como uma aparência, aniquilada pela morte, em vista da afirmação da sua glória e poder celestiais (Fl 2,7-9).

Paulo, na sua dialética retórica, interpreta a morte de Jesus na cruz, também, como uma libertação da maldição da Lei. “Cristo nos remiu da maldição da Lei tornando-se maldição por nós, porque está escrito: ‘Maldito todo aquele que é suspenso no madeiro’...” (Gl 3,13). Este esquema ofusca o caráter histórico do assassinato de Jesus pelos poderosos, religiosos e civis, que o consideravam como uma ameaça subversiva aos seus poderes. Se for feita uma leitura diferente, poder-se-ia afirmar: maldito o lenho do qual pende o homem, ou melhor, sem fazer injustiça ao lenho, maldito aquele que fixou o homem no lenho.

O destaque ao Cristo glorioso e poderoso vai resultar nas devoções e celebrações da liturgia católica de Cristo Rei e Na. Sra. Rainha.

O Evangelho de Jesus, a partir de Marcos

O homem histórico, Jesus de Nazaré, está na raiz de toda a mensagem do Novo Testamento. Contudo, em seus textos encontramos memórias de Jesus carregadas de interpretações das primeiras comunidades de discípulos oriundos do judaísmo, particularmente sob a influência paulina. Os evangelistas e autores de cartas e apocalipse redigem os textos sob sua visão teológica, textos estes que, também, sofrem interpolações por parte da Igreja institucionalizada a partir das últimas décadas do primeiro século. Mas podemos desvelar nestes textos do Novo Testamento a face de Jesus de Nazaré que nos revela Deus em sua vida íntima.

Os evangelistas, particularmente, se caracterizam por se debruçarem sobre o Jesus histórico, sobre o qual fazem suas teologias, a partir das tradições veiculadas nas comunidades. O evangelho de Marcos, o primeiro, dentre os canônicos, a ser escrito, é o que mais se aproxima do Jesus histórico, em sua humanidade e corporeidade. No evangelho de Mateus é bastante acentuada a atribuição cristológica a Jesus, e em Lucas também. Lucas, particularmente vai se caracterizar por colocar Jerusalém, capital da tradição davídica, como centro de irradiação da igreja que surge como um novo Israel.

Marcos, parente de Barnabé, e ambos amigos de Pedro, parece representar uma linha missionária diferente da de Paulo. Em meados da década de sessenta, Marcos escreve seu evangelho, estando Paulo já no fim de seu ministério, talvez já morto. Pode-se interpretar que Marcos, percebendo a carência das memórias de Jesus no anúncio de Paulo, com acento no morto e ressuscitado, o que se difundia amplamente dentre as comunidades paulinas, achou importante resgatar estas memórias com este seu evangelho.

O evangelho original de Marcos começa com a pregação de João Batista e termina com a narrativa do túmulo vazio e o reenvio dos discípulos para a retomada da missão na Galiléia. Esta trajetória, seguindo o ministério de Jesus, corresponde ao critério estabelecido, por proposta de Pedro, para o candidato à vaga deixada por Judas, entre os Doze: “É necessário, pois, que, dos homens que nos acompanharam todo o tempo que o Senhor Jesus andou entre nós, começando no batismo de João, até ao dia em que dentre nós arrebatado (*anelêmphthê*), um destes se torne testemunha conosco da sua ressurreição (*anastasis*, levantamento, ato de levantar-se)” (At 1,21-22). O anúncio apostólico da ressurreição é o evangelho intimamente ligado ao anúncio detalhado da trajetória histórica de Jesus encarnado, corpóreo, neste mundo, o que falta no anúncio de Paulo.

Paulo fala com frequência em “evangelho”, “evangelho de Deus”, “evangelho de Cristo”, e duas vezes em “meu evangelho”, na Carta aos Romanos (Rm 2,16; 16,25). Na carta aos Gálatas lemos: “Admiro-me que passaste tão depressa daquele que vos chamou à graça de Cristo, para outro evangelho... Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo descido do céu vos anuncie um evangelho diferente do que vos tenho anunciado, que seja anátema” (Gl 1,6-8). Na Segunda Carta aos Coríntios, também lemos: “Com efeito, quando aparece alguém pregando outro Jesus, que não é o que pregamos, vós acolheis um espírito que não é que tínheis recebido e um evangelho diferente que não é o que tínheis aceitado, muito bem o suportais” (tradução mais aproximadamente literal) (2Cor 11,4). Paulo, bem como o autor da segunda carta aos coríntios, ao falar em outro Jesus e outro evangelho, estaria ser referindo e rejeitando o anúncio do Jesus encarnado, corpóreo e histórico, que se diferencia do Jesus Cristo ressuscitado, glorioso, celestial, este de acordo com o anúncio paulino?

Uma das características do evangelho de Marcos é a frequência da repreensão de Jesus aos seus discípulos oriundos do judaísmo por não estarem entendendo sua proposta. Podemos ver nesta repreensão a rejeição da inclinação destes discípulos em verem Jesus como o cristo (messias) davídico. Tal não acontecendo na terra, estes discípulos persistiram em considerá-lo assim, no céu.

Como já nos referimos no início deste nosso texto, nos evangelhos, inclusive em Marcos, intermeiam-se textos relativos ao Jesus simplesmente humano com textos que apontam para o prenúncio do Cristo glorioso. Estes textos, às vezes, chegam à contradição. Tal constatação deu origem aos estudos pioneiros de Willian Wrede⁵ em fins do séc. XIX e início do séc. XX, com sua reflexão a partir destas contradições, que Wrede denominou “segredo messiânico”. Tais contradições são interpretadas por Wrede como sendo resultado de interpolações que exprimem a fé da Igreja primitiva. Assim Wrede afasta a idéia de um Jesus que previa sua ressurreição como Cristo glorioso, após sofrimentos necessários, porém queria ocultá-lo, durante o seu ministério, aos discípulos e ao povo. Os acentos cristológicos dos evangelhos seriam exclusivamente a expressão da fé pós-pascal das comunidades de discípulos oriundos do judaís-

5. WREDE, William, *The messianic secret*. London: James Clarke & Co. Ltd.: 1971.

mo. Após a morte de Jesus, parece que estes discípulos se sentiram à vontade para dar vazão às suas aspirações messiânicas davídicas ou kyriológicas inculturadas, ornando a consciência da permanência de Jesus vivo nas comunidades com narrativas gloriosas marcadas por manifestações de poder do Jesus terreno ou do ressuscitado.

Um exemplo bastante evidente de ocorrência destas interpolações encontramos nas narrativas da “confissão de Pedro” nos evangelhos sinóticos. No evangelho de Marcos, e também no de Lucas, quase idêntico ao de Marcos nesta passagem, quando Pedro afirma que Jesus é o Cristo, ele é repreendido por Jesus. O verbo, repreender (*epitimaô*), é o mesmo usado por Jesus na repreensão aos demônios (Mc 1,25; Lc 4,41). Já, este mesmo episódio, no evangelho de Mateus, que reflete bastante a fé das comunidades de discípulos de origem do judaísmo, em fase de estruturação eclesial na década de oitenta, vai em sentido contrário ao de Marcos: após a afirmação de Pedro, “Tú és o Cristo, o filho do Deus vivo”, Jesus lhe responde, “Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne ou o sangue que te revelaram isso, e sim o meu Pai que está nos céus”. E ainda segue-se a proclamação do primado de Pedro, com a posse das chaves do Reino. Após tal grandiosa proclamação, contraditoriamente, o texto continua com a imposição de segredo aos discípulos.

A questão da censura aos discípulos permite que se veja como, de acordo com o ponto de vista, são possíveis diferentes interpretações de um mesmo fato. Na leitura do ponto de vista cristológico, os discípulos oriundos do judaísmo são censurados por se precipitarem em esperar de Jesus um messianismo terreno, o Cristo na terra, quando Jesus já sabe que ele próprio é o messias-Cristo celeste.

Por outro lado, do ponto de vista da valorização da plenitude encarnação, os discípulos são censurados por não compreenderem que Jesus não se projeta em um futuro Cristo glorioso, mas sim, devem entender que na sua corporeidade Jesus já diviniza a humanidade, pelo que esta humanidade é glorificada em todos seus valores e em sua dignidade.

Nos evangelhos podemos ver como Jesus de Nazaré, nascido de Maria, conviveu com as multidões, entre as quais encontravam-se pessoas de várias origens, inclusive judeus. Deixou-se tocar indiscriminadamente e involuntariamente, como se percebe no episódio da mulher com fluxo de sangue ou acolhe, decididamente, a mulher que lhe banha os pés com lágrimas, enxuga-os com seus cabelos e os cobre de beijos, unguendo-os com perfume. E também teve a iniciativa de tocar, claro, por contato físico, a muitos, doentes e sadios, homens e mulheres. Em Marcos, particularmente, Jesus, em sua emotividade e corporeidade, manifesta indignação e entristecimento, coloca os dedos nas orelhas do surdo-gago e, com saliva, toca-lhe a língua, bem como cospe (*ptusas*) nos olhos do cego e impõe-lhe as mãos.

O Cristo, o ressuscitado, se comunica reservadamente, a um grupo seletivo. O grupo parece não ser muito numeroso, a não ser os questionáveis “mais de quinhentos”, registrados por Paulo em 1 Cor 15,3-8: “Antes de tudo, vos comuniquéi o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E apareceu a Cefas e, de-

pois, aos doze. Depois, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora; porém alguns já dormem. Depois, foi visto por Tiago, mais tarde, por todos os apóstolos e, afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo”. O grupo é seletivo, pois é limitado a pessoas presentes em Jerusalém, portanto integrados no judaísmo. Fora de Jerusalém temos a aparição na Galiléia, em um monte (Mt) ou à beira do lago (Jo), também a um grupo limitado de discípulos.

Temos assim dois tempos de revelação. O tempo da presença histórica de Jesus de Nazaré, com seu corpo terrestre comunicando-se com os amigos e com as multidões e o tempo da presença do Cristo, ressuscitado com seu corpo celeste, ausente e oculto. Pela encarnação o Filho de Deus, Jesus se faz presente na história e se comunica com os corpos terrestres. A encarnação é uma relação com os corpos terrestres. Jesus de Nazaré é a presença corpórea, histórica, de Deus entre nós. Diferentemente, o Cristo, que surge com a ressurreição do cadáver de Jesus, é portador do corpo celeste glorioso e revestido de poder, que se isola de amplos contatos e comunicação, só aparecendo em visões a alguns.

Confronto de enfoques

Nos defrontamos com dois anúncios, duas boas novas, dois evangelhos diferenciados, o evangelho de Jesus de Nazaré em seu corpo terrestre, e o evangelho do Cristo em seu corpo celeste, que podem, em síntese, ser confrontados, o que passamos a fazer, nos limitando a duas abordagens.

O poder e o amor

Com o enfoque no Cristo, Jesus nos é tirado de nosso convívio no dia a dia, transferido para o mundo futuro de poder e glória. Por outro lado, podemos sentir a presença amorosa de Jesus de Nazaré, em sua humanidade, entre nós, nos irmãos, em nossas comunidades, nas nossas relações fraternas de serviço e partilha. Enquanto o corpo terrestre de Jesus de Nazaré toca e se deixa ser tocado, entre as multidões, o corpo celeste de Cristo ressuscitado não toca nem se deixa tocar, e se faz visível apenas para alguns eleitos.

Na perspectiva cristológica a centralidade é o poder, quando em Jesus de Nazaré manifesta-se o Deus de amor. Com o anúncio da encarnação, nos evangelhos, que se sucedeu ao anúncio cristológico paulino, ocorre uma transferência do atributo de poder para o amor. A primeira carta de João, que poderia ser considerada o “evangelho do amor”, é extremamente expressiva neste sentido: “Deus é amor e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele” (1Jo 4,16). Em lugar do deus todo-poderoso revela-se o Deus todo-amoroso. Esta mudança de enfoque é substancial e essencial na revelação do Deus que é pai e mãe, irmão e irmã, e Amor. A visão cristológica paulina é a base da teologia suporte da Igreja imperial, representante na terra do Cristo celestial, poderoso e glorioso, sentado no trono para julgar. Assim seus representantes oficiais na terra se revestem ostensivamente de poder, e muitas vezes o exerceram com

violência e matando. E, hoje, as guerras de ocupação, norte-americanas ou israelenses, são respaldadas pelo deus glorioso e poderoso e assim matam os corpos dos mais fracos.

Juan Mateos assim se expressa: “A idéia de um Deus soberano com seu trono no céu funda o paradigma das grandezas humanas. Os mais poderosos dentre os homens seriam os que mais se parecessem com ele. São a imagem do deus que escraviza. Quando, porém, Deus é homem e se põe a serviço do homem (lava-pés) a réplica mais exata de Deus é aquele que serve. Com Jesus, Deus deixou seu trono, manifesta-se como amor sem limite, que acompanha o homem na sua existência... O Pai que é puro dom de si, não necessita de culto, nem o pede; o culto a ele identifica-se com o serviço ao homem e a mulher, com o amor leal (Jo 4,23), que será o único mandamento (Jo 13,34). Daí o fato de Jesus eliminar as categorias religiosas de templos e sacrifícios (Jo 2,13-22; 4,21-26)”⁶.

No enfoque cristológico há uma descontinuidade, pode-se até dizer, uma ruptura, entre o humano corpóreo terreno e o ressuscitado glorioso celestial. A condição corpórea terrena é aniquilada pela nova-futura condição celestial. Há um paradoxo entre Jesus de Nazaré, corpo terrestre, e o Cristo glorioso e poderoso, corpo celeste.

O já acima mencionado hino de Filipenses (Fl 2,5-11) confirma o aniquilamento do corpo terrestre para a meta da glória e poder do corpo celeste. Passa-se uma borraça sobre a humanidade corpórea de Jesus para destacar o Cristo ressuscitado, sentado à direita do Pai, glorioso e poderoso.

No simples enfoque do Deus encarnado em Jesus, o humano corpóreo terreno já adquire uma condição de imortalidade e eternidade, por graça do amor de Deus.

A espiritualidade do corpo glorioso leva ao louvor litúrgico, libertação espiritual com as missas de libertação e suas intersessões, e à Igreja imperial. Por outro lado, a espiritualidade da encarnação, leva ao compromisso de nossa corporeidade solidária com os pobres e excluídos, em suas necessidades e dificuldades, com empenho na libertação dos oprimidos, afim de que todos tenham vida e a tenham plenamente.

Missão e revelação pessoal

Conforme os envios em missão, nos evangelhos, cabe aos discípulos de Jesus de Nazaré anunciar ao mundo a novidade da presença do Reino. Trata-se de anunciar Jesus, sua vida, suas palavras, seus gestos, sua revelação. Este anúncio, principalmente como atribuição apostólica, está confirmado em Atos (At 1,21-22), conforme vimos antes. Segundo este critério Paulo distancia-se do caráter apostólico dos Doze.

Paulo, contudo, afirma-se como sendo o último dos apóstolos. Legitima-se como tal por ter recebido uma revelação direta do ressuscitado. Pode-se pensar que ele sofra a influência das vocações e visões proféticas, particularmente as de Isaías e Jere-

6. MATEOS, Juan & Barreto, Juan. *O Evangelho de São João*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 590.

mias. Paulo escreve em Gl 1,11-12: “Faço-vos, porém, saber, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, porque eu não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo”. Parece, então, que se vivem novos tempos, em que evangelho passa a ser comunicado por revelação particular do ressuscitado, com uma nova mensagem: anunciar o morto e ressuscitado. Se assim é o testemunho humano pode ser descartado, passando a revelação ser feita em visões do ressuscitado. Fica anulada assim a comunicação humana entre Jesus e seus discípulos, através da qual ele preparou-os pacientemente para a missão, em continuidade de seu ministério. Será que nos novos tempos, como aconteceu com Paulo, a revelação não se dará a todos por aparição do ressuscitado a cada um? A transmissão do evangelho por corpo a corpo terrestre tem sua origem em Jesus de Nazaré. A transmissão celestial rompe com esta característica missionária.

Ao longo dos séculos a Igreja registrou inúmeras aparições em visões. A questão é: Deus se revela no testemunho encarnado dos discípulos, ou em aparições a pessoas privilegiadas? Curiosamente a instituição da igreja aceita bem as revelações pessoais que se coadunam com a tradição, porém reprime os questionamentos proféticos feitos a partir das experiências comunitárias vividas com o povo sofrido e oprimido.

Corporeidade, vida e eternidade

Diante do duplo enfoque que vimos analisando, podem ser levantadas algumas perguntas provocadoras: Jesus, na encarnação, com sua unidade divina e corpórea, já está revestido da imortalidade ou só o foi depois da ressurreição de seu cadáver? A humanidade é assumida na natureza divina, na encarnação ou na ressurreição do cadáver de Jesus? Se é o sofrimento da cruz que merece a posterior glória da ressurreição, isto é, a eternidade, a humanidade de Jesus não seria, então, uma união provisória entre o divino e o humano?

Pode-se reconhecer que Jesus de Nazaré é o homem divino que diviniza a humanidade, em sua realidade corpórea, pelo amor e não pelo sofrimento. Não é a cruz, mas sim o ventre feminino que é a fonte da vida eterna. Antes da cruz, já é do ventre de Maria que brota o Filho do Homem, Filho do Deus eterno, que vem comunicar sua vida a todos.

Jesus não precisa morrer no sofrimento, em um ato de sacrifício, para provar seu amor. Jesus não é um mediador, mas é a própria presença pessoal de Deus entre nós, comunicando-se conosco, no seu amor e na sua divindade, trazendo vida plena para todos. Onde se vive o amor e a misericórdia, Deus aí está, comunicando a vida, e com Ele a eternidade.

A glória da filiação divina já está em Jesus de Nazaré e em nós. A condição de eternidade já vigora no tempo presente diferentemente da expectativa escatológica judaica. Já se vive o presente, “hoje”, da encarnação, Deus convivendo conosco em nossa corporeidade, assumida na eternidade.

A encarnação pode levar-nos à compreensão de que em Jesus de Nazaré podemos encontrar a realização de todas as esperanças de vida e aspirações de felicidade buscadas em qualquer povo, em qualquer religião, em qualquer tempo.

A opção pelo amor que gera vida, em nossa própria corporeidade, tem um valor absoluto e eterno, dispensando-se a remessa ao julgamento final escatológico. Este amor já é a comunhão com Deus em sua vida e eternidade. É o amor transformador que já vigora no mundo novo possível. É o amor que promove a vida, principalmente onde ela é mais frágil e sofrida, empenhando-se na libertação do mundo velho, dominado e controlado pelos chefes poderosos que só ambicionam riquezas e poder, semeando a morte.

Viver o amor, partilhando a vida na nossa corporeidade, hoje, porque este amor é eterno. Viver o amor é a vontade de Deus para nós, é praticar a palavra de Jesus: “o meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros assim como eu vos amei” (Jo 15,12; cf. Jo 13,34; 15,9). “Se alguém me ama, praticará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada” (Jo 14,23).

Bibliografia

- DIETER, Georgi. *Theocracy in Paul's praxis and Theology*. Minneapolis: Fortress Press, 1991.
- ELLIOT, Neil. *Libertando Paulo*. São Paulo: Paulus, 1998.
- GARAUDI, Roger. *Deus é necessário?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- MATEOS, Juan & Barreto, Juan. *O Evangelho de São João*. São Paulo: Paulus, 1999.
- MEIER, John P. *Um judeu marginal*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- NOLAN, Albert. *Jesus antes do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1987.
- O'CONNOR, Jerome Murphy. *Paulo, biografia crítica*. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.
- QUEIRUGA, Andrés Torres. *Repensar a ressurreição*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- Richard, Pablo. *O movimento de Jesus depois da ressurreição*⁷. São Paulo: Paulinas, 1999.
- Schürer, Emil. *A history of the jewish people*. Edinburg: T.& T. Clark, 1890.
- Wrede, William, *The messianic secret*. London: James Clarke & Co. Ltd.: 1971.

José Raimundo Oliva
jraimundooliva@hotmail.com

7. O título original, em espanhol, é: “El movimiento de Jesus antes de la Iglesia”